A briga voto a voto por um mandato na Câmara do Rio



Com 96,85% dos votos já totalizados pelo TRE, a eleição só está indefinida para alguns partidos que ainda brigam voto a voto por uma vaga na Câmara de Vereadores. A projeção até agora indica que 28 das 42 cadeiras já estão garantidas e os partidos disputam no cálculo da sobra de legenda as 14 vagas restantes. O quociente eleitoral para eleger um vereador é de 63.465 votos, segundo o 12º boletim parcial do TRE.

Entre as cadeiras disputadas na sobra, na prática, apenas três estão indefinidas. Brigam por elas, o PTR — que por pouco mais de mil votos não vai eleger vereadores, já que só conseguiu somar 62.183 votos até agora —, o PT do B, o PST, o PSDB e o PMDB.

Segundo projeções feitas a partir desse último boletim, a coligação Povo Unido (PDT-PV-PC do B) fará a maior bancada da Câmara municipal, elegendo 11 vereadores. A frente Feliz Cidade deve eleger nove vereadores. O PMDB elege quatro e disputa uma quinta cadeira na sobra de legenda.

A coligação PDS-PDC garante três vereadores e o PSDB faz dois representantes na Câmara, com uma pequena chance de conquistar mais uma vaga. PL, PTB e PSC elegem dois vereadores cada um. O PT do B e o PST também elegem até agora dois representantes cada um, mas os dois partidos estão embolados com o PSDB e o PMDB e podem perder uma vaga para estes últimos. O PFL, o PRN e o PMN fazem um representante cada.

Os personagens dessa disputa, candidatos que podem ganhar ou deixar de ganhar um mandato por uma diferença mínima de votos, são Jorge Pereira e Aarão Steimbruch (do PT do B) e André Luiz (PTR) — os três são vereadores que tentam a reeleição — Paulo Cezar de Faria (PSDB), Fernando Martins (PST) e Thiers Montebello (PMDB). Entre os prováveis eleitos estão 18 dos 42 atuais vereadores.

O TRE já terminou a apuração da maioria das zonas eleitorais. Por causa do atraso na totalização dos votos das 13ª, 22ª, e 25ª zonas eleitorais, a divulgação do último boletim, com o resultado final, foi adiada para hoje.

O 12º boletim parcial do TRE confirma a ida de Benedita da Silva (frente Feliz Cidade, PT-PPS-PSB-PC) e César Maia (coligação Pensa Rio, PMDB-PL) ao segundo turno. Benedita somou até agora 808.096 votos e César obteve 539.100 votos. A terceira colocada, Cidinha Campos (coligação Povo Unido, PDT-PV-PC do B), conquistou 448.994 votos. Foram totalizados 3.224.515 votos, dos quais 387.377 nulos e 383.141 em branco.

Em quarto lugar ficou o candidato do PRN, Albano Reis, com 252.834 votos; em quinto, Amaral Netto (PDS), 116.589; em sexto, João Mendes (PTB), 106.046; em sétimo, Francisco Dornelles (PFL), 74.197; em oitavo, Sérgio Cabral Filho (PSDB), 45.646; em nono, Técio Lins e Silva (PST), 33.896; em décimo, Regina Gordilho (PRP), 17.916; e o último colocado foi Homero de Souza (PFS) com 10.683 votos.

OS MAIS VOTADOS NO 12º BOLETIM

PTB — 103.381
Celso Macedo — PTB 19.386
Gerson Bergher — PTB 5.964
Manoel Freitas — PTB 5.337

PL — 91.386
Marcos Drummond — PL 7.715
Américo Camargo — PL 7.705
Cidinho Santana — PL 4.688

PFL — 76.008
Jorge Mauro dos Santos — PFL 5.471
Túlio Simões — PFL 5.065

PTR — 62.183
André Luiz — PTR 12.499
Ivo da Silva — PTR 6.552

PCN — 7.621
Francisco José dos Santos — PCN 2.417

PMN — 82.272
Ivan Moreira — PMN 5.986
Joel Vivas — PMN 4.422

PRN — 82.005
Eduardo Reis — PTB 6.863
Carlos Alberto Torres — PRN 5.242

PSDB — 133.466
Roberto Dinamite — PSDB 34.247
Sergio Cabral — PSDB 13.157
Paulo Cesar de Faria — PSDB 6.176
Ari Pereira da Silva — PSDB 4.204

PST — 90.295
Milton Nahon — PST 5.091
Fernando Martins — PST 4.599
Roberto Figueiredo — PST 3.892

PRONA — 6.816
Vera Lúcia Bernardo — PRONA 830

PTdoB — 89.484
Jorge Pereira — PTdoB 10.977
Aarão Steinbruch — PTdoB 10.763
Luiz Carlos Ramos — PTdoB 4.645

PFS — 3.487
Arão da Providência — PFS 616

PTC/PCDN — 12.299
Fernando de Jesus — PTC 733

PT/PSB/PPS/PC — 436.278
Jorge Bittar — PT 123.164
Chico Alencar — PT 19.293
Roberto Saturnino Braga — PSB 16.910
Antônio Pitanga — PT 7.305
Adilson Pires — PT 6.587
Guilherme Haeser — PT 6.147
Jurema Batista — PT 5.353
Augusto Boal — PT 5.335
Leonel Trotta — PSB 4.700
Jorge Luiz Loureiro — PSB 4.636
Ana Maria Lipko — PPS 4.334
Dario Domingues — PSB 4.309
Eliomar Coelho — PT 4.187
Luiz Edmundo Costa Leite — PSB 3.804

PRP/PSdoB — 58.966
Manoel Rugero — PRP 4.992

PMDB/PMSD — 221.842
Laura Carneiro — PMDB 11.907
Waldir Abrão — PMDB 11.738
Francisco Duran — PMDBB 9.449
José Moraes — PMDB 8.494
Thiers Montbello — PMDB 7.907
Luiz Carlos Batista — PMDB 7.665
Paulo Vianna — PMDB 7.525

PDT/PV/PCdoB — 503.567
Alfredo Syrkis — PV 24.777
Ivanir de Mello — PDT 17.589
Edson Santos — PCdoB 15.934
Jorge Felippe — PDT 14.754
Pedro Porfírio — PDT 14.641
Sami Jorge — PDT 12.656
Rosa Fernandes — PDT 12.193
Otávio Leite — PDT 11.936
Nestor Rocha — PDT 11.596
Fernando William — PDT 11.442
Leila Maywald — PV 9.627
Maurício Azêdo — PDT 7.790
Terezinha Sarmento — PDT 7.402
Beto Gama — PDT 7.240

PDS/PDC — 173.331
Wilson Leite Passos — PDS 23.432
Carlos de Carvalho — PDS 7.852
Rogéria Bolsonaro — PDC 7.758
João Dourado — PDC 7.024
Luiz Guedes Maciel — PDS 4.451

PSC/PSD/PNTB — 125.609
Luis Carlos de Aguiar — PSC 4.586
Antônio Abud Elias — PSC 4.185
José Maria Vila Nova — PSD 4.157
Sebastião Ferraz — PSC 3.925



16-10-91

Jorge Bittar, recordista de votos para a Câmara Municipal do Rio



Ari Lago

Edgar de Carvalho em seu escritório:boas e más lembranças do passado

A quebra de um recorde que durou 16 anos

Bittar promete limpar imagem dos vereadores

VALÉRIA BLANC

O homem de mais de 120 mil votos é humilde. Jorge Bittar, o vereador mais votado do país, está rindo de orelha a orelha — depois de ter perdido as três últimas eleições que disputara para deputado federal, prefeito e governador — mas garante estar consciente de suas responsabilidade. Na Câmara, não quer ser tratado de maneira diferente por causa do recorde — em números absolutos — de votos para vereador do Rio, superando a votação de Edgar de Carvalho Júnior em 1976.

— Recebo essa votação com muita felicidade por ter merecido a confiança dos eleitores. Mas estou consciente da enorme responsabilidade que isso representa. Sou portador de um mandato a serviço da ética na política e quero trabalhar com os outros de igual para igual — observou.

Bittar atribuiu a enorme votação à sua trajetória política na cidade e à imagem de seu partido, o PT.

— Foi uma conjunção de fatores. Eu ainda não tinha vencido uma eleição, mas saí politicamente bem das que concorri. Acredito que construí uma imagem de seriedade e, por que não dizer, de competência no trabalho e na maneira de mostrar minhas propostas políticas.

O novo vereador tem planos já traçados para o Legislativo. Ele pretende, com a ajuda dos colegas da Casa, aprovar a criação de um Instituto de Assessoria Parlamentar. A idéia é enriquecer os projetos dos parlamentares com uma equipe técnica que se dedique permanentemente a estudar os problemas da cidade.

— Nós, do PT, pretendemos por fim a essa imagem de que o vereador só quer saber de ganhar jeton. Acredito que me credenciei para promover um trabalho de moralização da Câmara — afirma Bittar.

'Edgarzinho' ainda tenta voltar à política

Entre eles, não há qualquer semelhança, apenas uma coincidência. Nas eleições de 1976, Edgar de Carvalho Júnior, hoje com 47 anos, foi o candidato mais votado para a Câmara Municipal, com 114.957 votos. Paredes pichadas, cartazes por toda a cidade, o vereador ganhou a eleição e o apelido de "Edgarzinho Porcalhão".

— Minha campanha foi muito pobre. Hoje, os candidatos têm esquemas milionários. Fiz campanha escrevendo nas paredes mas não foi isso o mais relevante para minha votação. É que eu sempre tive uma luta muito forte contra a ditadura — garante Edgar de Carvalho Júnior, na época ligado ao ex-governador Chagas Freitas e eleito pelo MDB.

O apelido, entretanto, até hoje o incomoda.

— Aquilo foi coisa dos inimigos políticos. Eles sempre aparecem quando alguém desponta com qualidades.

Edgar trabalha atualmente como leiloeiro público. É dono de uma loja de obras de arte — ele é também artista plástico — no Edifício Avenida Central, no centro do Rio, mas não abandonou a política. Tentou concorrer a vereador este ano pelo PDT, em Duque de Caxias, mas sua chapa foi impugnada. Depois da votação gigante de 1976, não conseguiu se eleger em outras duas disputas eleitorais.

— Hoje, eu faria campanha na base dos comícios relâmpagos — redime-se, reclamando que sua vida política tem sido difícil desde então.

— Talvez, as pessoas tenham inveja da minha votação...— afirma o ex-chaguista, hoje admirador de Leonel Brizola.

Edgar comentou a vitória de Bittar:

— Fico feliz de ter sido superado eleitoralmente por uma pessoa digna e séria como o Bittar. Ele é merecedor dos votos que teve.

Sobrenomes famosos garantem votos

LETÍCIA HELENA

Não é a mamãe, mas o papai, o titio, o primo e o marido. No vale-tudo da campanha eleitoral, ter um sobrenome conhecido ou descender de uma família de tradição política serviu de passaporte para que quatro candidatos chegassem à Câmara dos Vereadores. A bancada dos parentes ainda pode crescer — com a eleição da mulher do deputado federal Jair Bolsonaro, Rogéria Bolsonaro, e de Marcos Drummond, filho do bicheiro Luisinho Drummond — e, quem sabe, se multiplicar: entre os já eleitos, figura o ator Antônio Pitanga (PT), namorado oficial de Benedita da Silva e futuro "primeiro-damo" do município se o PT vencer o segundo turno.

Em nome da fidelidade — não a partidária, mas a espiritual — o "bispo" Edyr Macedo emplaca, pela segunda vez, seu primo Celso (PTB) como vereador. O sobrenome religioso decidiu a opção de 19.255 eleitores, mas não foi a única colaboração do primo ilustre. Durante toda a campanha, fiéis distribuíram santinhos na porta dos templos da Igreja Universal do Reino de Deus. Os panfletos pediam "votos com amor", mas acendiam uma vela ao diabo: nada de referências ao candidato a prefeito do PTB, João Mendes, numa traição eleitoral digna de Judas Iscariotes.

A vereadora Laura Carneiro (PMDB), dessa vez, nem precisou chamar o pai, o senador Nélson Carneiro. Os quatro anos de primeiro mandato lhe valeram 11.821 votos para o segundo. Já Eduardo Reis ganhou um presentão de seu tio, o Papai Noel (o de Quintino, bem entendido): 6.800 votos e, provavelmente, a única vaga de vereador do PRN, de acordo com o 11º boletim eleitoral. Melhor sorte teve a psicóloga Rosa Fernandes (PDT). Os eleitores de Irajá, reduto de seu pai, o deputado estadual Pedro Fernandes, contribuíram com quase 70% dos 12.016 votos que Rosa registrava até ontem. Um placar que fez da psicóloga o orgulho do papai: atrás dela, ficaram veteranos como Fernando William, Maurício Azêdo e Beto Gama.

A turma do balança-mas-não-cai — ou cai dentro, se depender do otimismo de reta final — conta com mais dois sobrenomes ilustres. Marcos Drummond quer ser a zebra destas eleições, levando do veterano Américo Camargo a única vaga do PL na Câmara. Já a mulher do deputado federal Jair Bolsonaro, Rogéria Bolsonaro, teme conspirações de seus companheiros de legenda, em benefício de outro candidato, mas, com 7.714 votos, depende apenas de o PDC conseguir quorum para fazer três vereadores. Rogéria passou a campanha muda, mas não quer sair dela calada.

— O nome do Jair foi decisivo para a minha eleição. Tanto que meus adesivos traziam apenas "R. Bolsonaro". Mas ainda não estamos lá: soubemos que teriam prometido o terceiro lugar da coligação PDS/PDC a outro candidato, e precisamos ficar atentos. Só vou me considerar eleita quando o TRE divulgar o boletim final — explicou Rogéria.

Guilherme Pinto



Rogéria Bolsonaro, eleição com o apoio do marido, capitão e deputado

Coligação de nanicos funciona nas urnas

CESAR TARTAGLIA

Existe um partido para o qual o voto não é documento e o mandato parlamentar é visto com desconfiança. Esse partido não tem curral eleitoral, não é bom de urna e poucas pessoas sabem sequer o que significa sua sigla — mas, ao contrário de legendas mais conhecidas, está comemorando um bom desempenho na eleição proporcional do Rio. Trata-se do PSC (Partido Social Cristão), que, coligado aos também nanicos PNTB e PSD, deve eleger dois vereadores à Câmara municipal, deixando para trás forças políticas como o PFL, o PTR e o PRN.

A estratégia adotada pela coligação, que já dera certo em 1990, com a eleição de dois deputados estaduais, foi descentralizar ao máximo a força política das candidaturas. Para isso, os três partidos preencheram todas as 201 vagas disponíveis de candidatos a vereador, cabendo ao PSC, com 95 indicações, o maior número delas. Não houve um único puxador de legenda, mas em compensação a soma dos poucos votos dados a cada um de tantos candidatos resultou no que os partidos esperavam: a obtenção do quociente eleitoral suficiente para assegurar pelo menos uma cadeira na Câmara.

Melhor ainda que o esperado, está praticamente certo que a coligação emplaca dois vereadores. Segundo o presidente do PSC, Ronald Azaro, o partido fez duas exigências aos candidatos. A primeira, de não ser dono de mandato eletivo; a segunda, de não ter obtido mais que 5 mil votos em qualquer eleição de que tenha participado.

— Nós somos um partido novo e queremos dar oportunidade a candidatos realmente novos. Com isso, estamos criando condições para que outras lideranças apareçam no cenário político — justifica Azaro.

A se manter a tendência do eleitorado, computados até ontem os números de 80% das seções pelo Tribunal Regional Eleitoral, o PSC estará contribuindo para renovar o cenário político com a eleição de Sebastião Ferraz e Luiz Carlos Aguiar, dois ilustres desconhecidos que não deverão ter mais que cinco mil votos. Graças à estratégia da coligação, de se apresentar com muitos candidatos, apostando na soma das legendas para obter o quociente eleitoral, os dois se elegerão mesmo tendo recebido menos votos do que muitos candidatos de outros partidos.

Prefeito reúne bloco 'marcellista'

De olho na sucessão estadual em 1994, o prefeito Marcello Alencar reuniu ontem, no Palácio da Cidade, os dez futuros vereadores da coligação Povo Unido (PDT, PV e PC do B) que deverão integrar o bloco "marcellista" da Câmara. O único virtual vereador do PDT que ficou de fora foi Nestor Rocha, ligado ao governador Leonel Brizola e não afinado com Marcello.

O encontro foi convocado pelo prefeito para discutir o desempenho do partido no primeiro turno das eleições municipais do Rio e a posição dos políticos ligados a Marcello em relação ao segundo turno. Todos os secretários municipais e presidentes de empresas do município participaram de uma reunião preliminar com o prefeito, mas alguns deles acompanharam a conversa com os vereadores e os deputados Pedro Fernandes e Marco Antônio Alencar.

— A tendência da bancada de vereadores da coligação Povo Unido é criar uma força política para servir de suporte a Marcello Alencar em 1994 — contou a futura vereadora Leila Maywald (PV), que se diz "marcellista", apesar de não ser do PDT.

Mais cauteloso, o vereador reeleito Edson dos Santos (PC do B) acha precipitado discutir já a eleição para governador. Ele pretende ouvir seu partido antes de tomar posição. O vereador Jorge Felippe (PDT), também reeleito, é categórico:

— Hoje o melhor quadro do PDT para disputar a eleição para o Governo do estado é Marcello Alencar.

Candidato perdeu a eleição e a mulher

JOSÉ LUIZ VILHENA

Nos corredores do Riocentro, o movimento parecia igual aos outros dias de apuração. Candidatos e fiscais anotando os resultados dos boletins totalizados. De repente, um grito de desespero chamou a atenção do batalhão eleitoral do Riocentro.

— O povo é muito ingrato!

Com a mão na cabeça e muito nervoso, o candidato a vereador pelo Partido Trabalhista Comunitário (PTC), Roberval Uzeda, de 27 anos, se atirou no chão para mostrar seu descontentamento com as urnas. Ele é um dos candidatos com votação mais baixa na apuração do Tribunal Regional Eleitoral: até ontem tinha apenas 29 votos e estava na frente de apenas 23 adversários.

— Nem a minha sogra votou em mim — disse ele.

O choro tinha explicação. O mau resultado nas eleições fez com que ele perdesse a mulher e amargasse agora o prejuízo por ter gasto todo o dinheiro que tinha na campanha. Uzeda vendeu o carro e retirou todo o dinheiro da poupança para realizar uma campanha que custou Cr$ 27 milhões. Mas a pior sensação, segundo ele, foi chegar anteontem em casa e ver que a esposa Vera havia lhe deixado.

— Ela me trocou pelo meu melhor amigo que também é candidato e está com chance de ser eleito — disse ele, sem revelar o nome do amigo "urso".

O sonho do casal, que pretendia se mudar da Favela da Muzema, na Barra da Tijuca, para um apartamento no Grajaú, acabou. Assim como a reivindicação da mulher de ganhar um carro zero quilômetro. No final, restou apenas a decepção com a mulher e o povo.

— Ela me enchia de elogios. Me chamava de Baby Sauro, de fofinho. Não espera que ela tivesse um comportamento desse. Mulher não presta, assim como o povo — contou.

Roberval disse que não faltou garra para tentar ganhar a eleição. Durante nove meses ele se vestiu de Papai Noel, imitou Michael Jackson e tinha certo ganhar uma cadeira na Câmara dos Vereadores alegrando os moradores de 58 favelas da Barra da Tijuca. Esperava pelo menos 3 mil votos, que não vieram.

0755